

## O SISTEMA DOS MITOS EM OLIVEIRA MARTINS

*Manuel Gama*

Departamento de Filosofia e Cultura  
Instituto de Letras e Ciências Humanas  
Universidade do Minho

1 - Às invectivas dos críticos à sua *História de Portugal*, respondeu Oliveira Martins com espírito algo acintoso. A situação do Portugal, da segunda metade do século XIX, não era de molde a usar meias palavras, e dela tinha consciência toda a sua geração. A ilusão nunca fora boa conselheira e, naquela época, esta proposição ganhava maior acuidade. Dizia Oliveira Martins que o «optimismo é uma ilusão doce, mas é uma ilusão. Mal de quem ousa feri-la ou atacá-la! Entretanto, falar verdade, custe o que custar, é a melhor de todas as modernas feições das letras contemporâneas.»<sup>1</sup>

É naquele critério que Oliveira Martins orientará a sua Biblioteca das Ciências Sociais, que ele iniciou em 1879, com a *História da Civilização Ibérica* e a *História de Portugal*, e prosseguirá tão grandioso projecto publicando no ano seguinte com *O Brasil e as Colónias Portuguesas* e os *Elementos de Antropologia*. A um ritmo vertiginoso e verdadeiramente extraordinário, em 1881, dá à estampa *Portugal Contemporâneo e As Raças Humanas e a Civilização Primitiva*. Antes que outros interesses se sobrepusessem na sua vida<sup>2</sup>, a sua Biblioteca de alcance pedagógico é ainda enriquecida, em 1882, com o *Sistema dos Mitos Religiosos*.

Projecto notável, aquele, com o qual Oliveira Martins tinha intenções de tirar alguns véus que ensombravam a mentalidade portuguesa e que, assim, Portugal ultrapassasse a tão decantada, pela Geração de 70, decadência nacional. E se se procurar a unidade destes textos, «diremos que Portugal constituía o seu objecto, embora a sua compreensão exigisse, do ponto de vista epistemológico, o recurso aos paradigmas etnológicos que um certo cientismo estava a pôr em moda, e, numa perspectiva de contexto, a sua inserção não só no conjunto dos povos peninsulares (tese comum à sua geração), mas também na vocação que idiossincriticamente caberia à Europa realizar, enquanto vanguarda eleita para mundializar a História.»<sup>3</sup> Orientação esta claramente inserida no espírito das conferências do Casino, tal como Antero de Quental enunciara ao «levantar o comum pendão», conforme expressão sua, em carta precisamente ao seu

---

<sup>1</sup> Oliveira Martins, «Defesa da *História de Portugal* contra os seus críticos», apud António José Saraiva, *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*, 2ª ed. revista (incluindo um capítulo inédito), Gradiva, Lisboa, 1996, p. 233.

<sup>2</sup> A Biblioteca deveria ser enriquecida por outros volumes, versando várias outras matérias como a Linguística, conforme dá conta o seu amigo Antero de Quental, em carta de 1888, a Tammaso Cannizzaro: «Quanto à Linguística, não se publicou ainda nem sei se jamais se publicará, pois desde que o Autor [Oliveira Martins] se lançou à *corps perdu* na política, deu de mão a todos os seus outros trabalhos, e assim se conserva incompleta a *Biblioteca das Ciências Sociais*, que deveria compreender ainda mais 6 a 7 volumes» - Antero de Quental, *Cartas II. 1881-1891*, Organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, Lisboa, 1989, pp. 861-862.

<sup>3</sup> Fernando Catroga e Paulo Archer de Carvalho, *Sociedade e Cultura Portuguesa II*, Universidade Aberta, Lisboa, 1996, p. 201.

amigo do coração Oliveira Martins, logo no dia imediato ao da realização da primeira conferência<sup>4</sup>. Embora Oliveira Martins estivesse em Espanha a administrar uma empresa mineira<sup>5</sup>, estava em estreita comunhão com os homens e com as ideias do Cenáculo.

**2** - Com o grande fito da sua Biblioteca das Ciências Sociais, de penetrar na funda idiossincrasia dos povos, especialmente do português, Oliveira Martins viu que a demanda desse desiderato também passava pelo estudo da mitologia. Embora - diga-se-, no século XIX, fosse de bom-tom o intelectual debruçar-se sobre o mito. Mas será naquele outro sentido que escreve o *Sistema dos Mitos Religiosos* (1882).

Significativamente não intitula a sua obra apenas de Sistema dos Mitos, pois diz preferir a expressão «mitologia religiosa», uma vez que, afirma, «o nexa entre a religião e o mito é indissolúvel, e a opinião de que o mito acaba quando a religião começa parece-nos insustentável»<sup>6</sup>, conclui. Ou seja, em sentido contrário ao da doutrina positivista sobre a evolução, para Oliveira Martins «a mitologia subsiste neste período da religião: é a matéria-prima dos deuses, e ainda e sempre o núcleo da sua existência»<sup>7</sup>. E até, segundo ele, na mitologia já existem os elementos essenciais da religião, pois, à sua maneira, tanto nesta como naquela se procura «explicar o lugar do homem no mundo, determinar o sistema de relações do indivíduo com o todo, e depois venerar o ser ou a doutrina que se descobriu.»<sup>8</sup> Portanto, «na máxima parte do seu conteúdo, a mitologia primitiva é o primeiro momento da religião [...]»<sup>9</sup>. Neste sentido, historia Oliveira Martins que «Houve quem chamasse à religião uma doença (Feuerbach) e quem a radicasse psicologicamente no medo (Schleiermacher): a religião seria pois a doença do medo. Outros (Max Müller) chamam-lhe a "ambição do Infinito" - expressão metafísica que resume a teologia ortodoxa nos seus elementos clássicos. [...] nós definiríamos a religião como "a teoria das relações entre o homem e o universo"»<sup>10</sup>.

Para se penetrar no âmago da escrita desta obra, Oliveira Martins recomendava que «Era mister que o leitor, acordado, se julgasse sonhando, porque este é o sonho ou a visão do espírito humano.»<sup>11</sup> Para ele, esta deambulação pelo mundo dos mitos, que ele procura enovelar num sistema, é a tentativa de penetrar no seio dos arquétipos da humanidade: «A minha pena - refere ele -, se tivesse asas, levar-nos-ia consigo para mais alto, e, se fosse como a vista subtil do adivinho, far-nos-ia penetrar nos recessos mais misteriosos da consciência dos povos. Subiríamos ao éter e mergulharíamos no pensamento para continuar, sonhando, a ver os sonhos do espírito, os sonhos da

---

<sup>4</sup> Cf. *Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*, Introdução, organização e notas de Lúcio Craveiro da Silva, Faculdade de Filosofia de Braga, Braga, 1996, p. 40.

<sup>5</sup> Cf. F. A. Oliveira Martins, *Oliveira Martins e os seus Contemporâneos*, Guimarães Editores, Lisboa, 1960, pp. 45-50-

<sup>6</sup> Oliveira Martins, *O Sistema dos Mitos Religiosos*, 3ª ed., Guimarães Editores, Lisboa, 1953, p. 9.

<sup>7</sup> *Ib.*, p. 10.

<sup>8</sup> *Ib.*

<sup>9</sup> *Ib.* Neste sentido, esclarece ainda Oliveira Martins que à religião «a sociedade com as suas ideias morais e a ciência com as suas descobertas cosmológicas vêm trazer subsídios, sem dúvida criadores de estados mentais novos e determinantes de uma evolução lenta, mas nem por isso capazes de alterar na sua essência o princípio visceral, o nervo íntimo desta invenção, a mais bela por isso mesmo que é a mais quimérica de todas as que o homem construiu com o seu pensamento.» - *Ib.*, pp. 10-11.

<sup>10</sup> *Ib.*, p. 314.

<sup>11</sup> *Ib.*, p. 1.

imaginação da humanidade.»<sup>12</sup> É isso a mitologia. É o «sistema desses sonhos primitivos com que o pensamento inconsciente dos povos representa a seu modo a natureza.»<sup>13</sup> E a importância do estudo do mito advém-lhe de ele ser, tanto quanto o facto, real: «O mito e o facto são, pois - afirma Oliveira Martins -, na essência, uma e a mesma coisa vista por maneiras diversas.»<sup>14</sup> Um e outro, tal as duas faces de uma moeda, são inseparáveis.

O estudo da mitologia tem uma dupla importância para Oliveira Martins. Primeiramente, embora ache que a função psicológica inventiva dos mitos é universal, cada sistema da mitologia define a raça que o criou, funcionando como «espelho onde se reflecte o pensamento espontâneo de cada variedade de homens» ou, esclarece ainda, «colectiva, espontânea, primitiva, a mitologia denuncia em cada um dos seus sistemas o temperamento, o carácter, ou o génio da raça que a inventou. É uma linguagem sem palavras, ou a escrita sem letras.»<sup>15</sup> Em segundo lugar, pelo estudo do desenvolvimento da mitologia pode fazer-se a leitura da evolução social e política dos povos, como diz ter concluído das lições tomadas em Kuhn, o fundador da mitologia comparada<sup>16</sup>.

Oliveira Martins explica que a matéria do *Sistema dos Mitos Religiosos* obedece «apenas à etnometria mitológica, isto é, à teoria do desenvolvimento dessa espécie de invenções mentais dos homens em sociedade.»<sup>17</sup> Nesse processo evolutivo, Oliveira Martins chama Animismo ao primeiro momento, Naturalismo ao segundo momento e Idealismo ao terceiro, dedicando a cada qual um Livro/Capítulo autónomo. Cada um desses momentos é melhor representado, respectivamente, pelas mitologias do Egipto, da Judeia e da Grécia. Encontrando-se nesta sucessão «uma evolução da capacidade mental e de profundidade compreensiva», a que corresponde sucessivamente o homem selvagem, o homem bárbaro e, finalmente, o homem civilizado. No período do Animismo há a predominância da invenção dos espíritos ou almas como representação do mundo cósmico e seus fenómenos, e do mundo psíquico e seus sonhos e alucinações: «Se, portanto, já no pensamento animista os deuses astrais, sem se fundirem ainda, estão subordinados a um deus eminente, é que todo o ar ou éter é um mistério - uma alma difusa.»<sup>18</sup> No período do Naturalismo predomina «o pensamento de explicar por mitos o Universo como produto e criação duma Vontade.» Finalmente, chama ao derradeiro momento Idealismo porque «nas mitologias arianas o mundo externo e o mundo interior representam-se à imaginação como aspectos de substâncias que, no seu desenvolver, o pensamento reduzirá à pureza diáfana de ideias.»<sup>19</sup>

Esclarece Oliveira Martins que, enquanto no primeiro momento, a pura imaginação só inventa almas, no segundo momento já há um vislumbre de percepções cosmogónicas e morais capaz de inventar a vontade criadora e, finalmente, o terceiro momento, aquele em que se concebe a substância, é marcado por «uma intuição aguda

---

<sup>12</sup> *Ib.*

<sup>13</sup> *Ib.*, p. 2.

<sup>14</sup> *Ib.*

<sup>15</sup> *Ib.* Tal como as mitologias, do mesmo modo as religiões florescem diferentemente conforme o chão em que germinam: «Por toda a parte as combinações étnicas dão de si combinações mitológicas ou religiosas, à maneira do que sucede com as línguas, porque as religiões são, como as línguas, produtos espontâneos que desabrocham e florescem conforme o torrão em que as sementes foram lançadas.» - *Ib.*, p. 320. A diversidade das religiões assenta portanto na raça: «[...] a única possível classificação das religiões é a etnológica. Uma religião é uma raça: assim se tem dito e não sem fundamento.» - *Ib.*, p. 321.

<sup>16</sup> *Cf. Ib.*, p. 6.

<sup>17</sup> *Ib.*, p. 7.

<sup>18</sup> *Ib.*, p. 42.

<sup>19</sup> *Ib.*, p. 8.

da essência das coisas em si, intuição que, ainda velada em mitos, contém já a raiz das mais belas expansões do pensamento metafísico.»<sup>20</sup> Ou seja, há um claro progresso gradativo, cuja expressão mais evidente é a capacidade mental do homem.

O quarto e último Livro/Capítulo dedica-o Oliveira Martins à mitologia cristã. Com ele procura Oliveira Martins esclarecer, ou talvez desenganar, o leitor que julgasse que a mitologia se tinha extinguido na Europa quando o Cristianismo veio substituir os velhos deuses pagãos. Segundo ele, quando o povo se viu aflito pela obscuridade do seu destino, molestado pelo sofrimento das condições de vida e perplexo perante o enigma da morte, lançou-se «nos braços de todas as superstições velhas e novas» que estão inscritas na matriz do cristianismo, que ele define como a «religião nova, formada com os detritos de tudo o que a história trouxe para as praias mediterrâneas, [e que] vai aparecer iniciando a Idade Média, período de gestação mitológica igual, por tantos lados, aos períodos primitivos.»<sup>21</sup> Entre os *factos* de sobrevivência na Europa cristã, Oliveira Martins aponta os mitos que revestem determinadas personagens históricas como Alexandre, Napoleão, D. Sebastião, Joana D'Arc, Guilherme Tell, Maria da Fonte e ainda todos os soberanos e homens notáveis de uma nação «tornados heróis pela imaginação do povo». São ainda fenómenos de sobrevivência da mitologia quer as «apoteoses religiosas», quer as tradições, as lendas e as superstições populares<sup>22</sup>. Embora a civilização urbana possa, à primeira vista, contrariar a ideia, a mitologia persiste.

**3** - Oliveira Martins, homem bem inserido no espírito europeu da sua época, para a elaboração da sua obra, recorre às ideias dos autores então em voga na Europa, de que dá conta na vasta bibliografia apresentada no final do seu estudo.

Por um lado, Tylor e Spencer, representantes da corrente animista, que «une o sentimento religioso à dupla vida da alma no estado de vigília e no estado de sono.»<sup>23</sup> Por outro lado, Kuhn, Steinthal e todos os representantes da etnografia, ligados à corrente naturalista, que entendem que a religião é a «sobrevivência desta admiração que os povos primitivos experimentam em presença de fenómenos meteorológicos.»<sup>24</sup> A par destes autores, encontramos referências aos grandes estudiosos, à época, do fenómeno religioso, como M. Müller, B. Constant, W. Cox, E. Renan, J. Lubbock, E. Burnouf, Tylor, entre outros<sup>25</sup>.

---

<sup>20</sup> *Ib.*, p. 9.

<sup>21</sup> *Ib.*, p. 250.

<sup>22</sup> Diz Oliveira Martins: «Finalmente, o último fenómeno de sobrevivência está nas tradições, nas lendas, nas superstições populares que chegaram até nós através de tempos incontáveis e que são como fragmentos, migalhas de um passado remoto, documentos cujo valor arqueológico-moral é incontestável, mas cuja importância histórica é tanto menor, quanto na vida de uma sociedade foram preponderando mais as forças de direcção consciente, individual, científica, sobre as forças obscuras, espontâneas, colectivas e inconscientes.» - *Ib.*, pp. 12-13.

<sup>23</sup> G. Le Gentil, *Oliveira Martins (Algumas fontes da sua obra)*, Trad. de Fernando Romero, Seara Nova, Lisboa, 1935, p. 44.

<sup>24</sup> *Ib.*

<sup>25</sup> É interessante a relação que F. Tejada estabelece, no domínio da sociologia religiosa, entre as ideias de Oliveira Martins, expressas em 1882, e as defendidas por E. Durkheim, em 1922, em *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse. Le Système Totémique de l'Australie* - Cf. Francisco Elias de Tejada, *Oliveira Martins y Durkheim*, sep. da revista *Gil Vicente*, Guimarães, 1951, pp. 10-11. Outros confrontos se poderão estabelecer, nomeadamente com antropólogos mais tardios como L. Léwy-Bruhl (1857-1939) e C. Lévi-Strauss (n. 1908).

Se num plano geral a originalidade na obra de Oliveira Martins não é marcante, ela ganha grande importância quando, no seguimento das obras anteriores da sua Biblioteca das Ciências Sociais (sobretudo *Elementos de Antropologia e As Raças Humanas e a Civilização Primitiva*), esclarece a história das superstições na Península Ibérica.

Quanto à sua forma de fazer história, como é característica do conjunto da sua obra, também aqui no *Sistema dos Mitos Religiosos*, Oliveira Martins não é o historiador-científico mas, como refere José Marinho, é fundamentalmente o «historiador-artista, o poeta e dramaturgo para o qual a vida é um mundo de símbolos a discernir e interpretar.»<sup>26</sup> Orientação que, aliás, já havia deixado exposta em *O Helenismo e a Civilização Cristã* (1878), quando colocava a história no lugar superior da hierarquia das ciências, precisamente porque nela a soma das exceções é muito maior do que em qualquer outra ciência. Exceções que Oliveira Martins considerava de duas espécies. A primeira exceção era o pouco saber científico, a escassez de conhecimento erudito em relação às outras ciências; a segunda, tem a ver com a existência na história de casos fortuitos infinitamente mais numerosos do que em qualquer outro domínio do saber<sup>27</sup>.

Anota também José Marinho que a situação de que Oliveira Martins parte é «equivoca», ao reduzir a religião ao sentido judaico-cristão, levando-o a ver «todo o mundo mítico convergir no seio da religião tal como habitualmente se concebe e se supõe ser toda a revelação cristã. Não vê que os mitos assinalam, entre brumas, três idades: a divina, a cósmica, a simplesmente humana. Assim, a religião cristã é a religião de uma decadência.»<sup>28</sup> E se Oliveira Martins é amigo dos mitos, o historiador é, nele, inimigo dos mitos, pois em termos evolucionistas concebe as várias fases da mitologia, do «animismo» ao «naturalismo», passando ao «idealismo», em que «a razão helénica prepara já a dissolução do mítico, deste ainda para o cristianismo.»<sup>29</sup> Perscruta ainda Oliveira Martins que «o sonho mitológico, ou a selva emaranhada dos mitos dissipa-se ou desfaz-se, deixando pura a noção de um estado que se sente sem poder definir-se. [...] As representações mitológicas são infantis, a negação é grosseira, as fantasias da invenção cosmogónica são pueris, e as aberrações do realismo espírita são sintomas de uma senilidade que volta à primeira infância.»<sup>30</sup>

Em posição crítica, bem diferente da de José Marinho, encontra-se António Sardinha que vê na obra do *Sistema dos Mitos Religiosos* a expressão do fascínio do seu autor pela *Jovem-Alemanha*, donde advinha, segundo ele, o envenenamento do mundo católico a partir dos *semitas* alemães. As ideias germânicas teriam tido nele uma influência nefasta, que se repercute não só neste livro, mas se encontram espalhadas pelo conjunto da sua obra<sup>31</sup>.

Em conclusão, diremos que o valor desta obra é inegável. No entanto, a sua limitação, quanto a nós, estará numa certa falta de compreensão do alcance de uma religião revelada, por parte do seu autor.

---

<sup>26</sup> José Marinho, *Estudos sobre o Pensamento Português Contemporâneo*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981, p. 37.

<sup>27</sup> Cf. Oliveira Martins, *O Helenismo e a Civilização Cristã*, 4ª ed., Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1928, pp. 25 e ss.

<sup>28</sup> José Marinho, *Op. cit.*, p. 38.

<sup>29</sup> *Ib.*, p. 41.

<sup>30</sup> Oliveira Martins, *O Sistema dos Mitos Religiosos*, *op. cit.*, p. 313.

<sup>31</sup> Cf. António Sardinha, *Ao Princípio era o Verbo. Ensaios e Estudos*, 2ª ed., Edições Gama, Lisboa, 1940, p. 165.

Na Idade Média, teocêntrica, a Teologia procurou que tudo se lhe reduzisse nas suas explicações. Com o Renascimento, o homem faz ressurgir a mitologia da Antiguidade, na forma poética, alegórica. Na modernidade, antropocêntrica, o homem não suporta viver com tantos mistérios. O seu convívio com o mistério transmuda-se em mito. A Ciência nascente tenta encurtar o mistério, mas ele subsiste. De qualquer modo, a partir do século XVIII, e com especial força na segunda metade do século XIX, a ciência torna-se inimiga do mito. O chamado progresso é adverso do mito, aparecendo a doutrina positivista como um dos esplendores desse processo. Apesar disso, Oliveira Martins nos *Elementos de Antropologia* adverte: «Ao mesmo tempo que banimos o sentimento e a imaginação dum vasto campo conquistado para a ciência, nem por isso podemos ter a pretensão estulta de ter esgotado as fontes infinitas do pensamento [...]. Se a ciência nos manda esquecer todas as quimeras, não nos ordena o juízo que delimitemos as esferas do conhecimento - sem exclusão dessa esfera, indefinida na sua essência, nebulosa na sua matéria, individual e libérrima nos seus processos : isso a que se chama metafísica, poesia, religião, e que sempre existirá, embora de futuro se lhe mudem os nomes?»<sup>32</sup>

Talvez o mito seja, afinal, a expressão antropológica do verso da *Eneida*: *mens agitat molem*; («o espírito age sobre a massa»), ou seja, existe um império do espírito sobre a matéria. Portanto, também pelo mito o homem evidencia que a Natureza está dominada pelo Espírito.

## BIBLIOGRAFIA

- CATROGA, Fernando e CARVALHO, Paulo Archer de, *Sociedade e Cultura Portuguesa II*, Universidade Aberta, Lisboa, 1996.
- GENTIL, G. Le, *Oliveira Martins (Algumas fontes da sua obra)*, Trad. de Fernando Romero, Seara Nova, Lisboa, 1935.
- MARINHO, José, *Estudos sobre o Pensamento Português Contemporâneo*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981.
- MARTINS, F. A. Oliveira, *Oliveira Martins e os seus Contemporâneos*, Guimarães Editores, Lisboa, 1960.
- MARTINS, Oliveira, «Defesa da *História de Portugal* contra os seus críticos», *apud* António José Saraiva, *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*, 2ª ed. revista (incluindo um capítulo inédito), Gradiva, Lisboa, 1996.
- , *Elementos de Antropologia*, 8ª ed., Guimarães Editora, Lisboa, 1987
- , *O Helenismo e a Civilização Cristã*, 4ª ed., Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1928.
- , *O Sistema dos Mitos Religiosos*, 3ª ed., Guimarães Editores, Lisboa, 1953.

---

<sup>32</sup> Oliveira Martins, *Elementos de Antropologia*, 8ª ed., Guimarães Editora, Lisboa, 1987, p. 28.

*Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*, Introdução, organização e notas de Lúcio Craveiro da Silva, Faculdade de Filosofia de Braga, Braga, 1996.

QUENTAL, Antero de, *Cartas II. 1881-1891*, Organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, Lisboa, 1989.

SARDINHA, António, *Ao Princípio era o Verbo. Ensaios e Estudos*, 2ª ed., Edições Gama, Lisboa, 1940.

TEJADA, Francisco Elias de, *Oliveira Martins y Durkheim*, sep. da revista *Gil Vicente*, Guimarães, 1951.